

## RESUMO

O texto sintetiza as discussões e propostas resultantes da Conferência Regional da Amazônia em C&T (Manaus, junho de 2005), preparatória da 3ª Conferência Nacional em CT&I Brasília (novembro de 2005). Na primeira parte discute as diferentes acepções de “compreensão” aplicáveis ao conceito de Amazônia e no âmbito do conhecimento – nos dois casos, em gênero e na espécie. Na segunda parte propõe políticas regionais em C&T nas quatro vertentes da Conferência Nacional: geração da riqueza, inclusão social, presença internacional e interesse nacional. Mas, em todos os ângulos, conduzindo à inovação, invenção, incubação e, então sim, inclusão. A tônica geral está na rejeição ao “colonialismo do espírito” que se limita a discutir ações de CT&I na Amazônia. Reivindica, ao arrepio desse persistente “extrativismo intelectual” ainda imposto à Região, um programa científico e tecnológico verdadeiramente voltado para a Amazônia. E arremata com a proposta de uma autêntica “revolução cultural” a que dá o título de “Operação Cabanagem Científica”.

Palavras-chave: Amazônia-Ciência e tecnologia. Amazonidades. Compreensão. Conhecimento. Inclusão.

## SCIENCE & TECHNOLOGY AND INVENTION, INNOVATION, INCLUSION: THE AMAZONIAN CASE

### ABSTRACT

The text synthesis of the discussions and resultant proposals of the Regional Conference of the Amazon in C&T (Manaus, June of 2005) held in preparation for the 3<sup>rd</sup> National Conference in CT&I (Brasília, November of 2005). In its first part, different meanings of applicable understanding to the concept of Amazon and in knowledge scope are talked about – in both case: gender and species. In its second part, regional policies in C&T are suggested considering its four supporting pillars: wealth generation, social inclusion, international presence and national interest, all of them leading, in every point of view, to innovation, invention, incubation and, above all inclusion. Emphasis is given on the

(\*) Notas apresentadas na 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (Brasília, 15-18 nov. 2005). Extrato analítico da Conferência Regional da Amazônia: preparatória (Manaus, jun. 2005). Produzido por solicitação da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica (ABIPTI).

(\*\*) Consultor ad hoc. E-mail: admendes@iblb.com.br.

rejection of colonial mind control, which goes any further than discussing CT&I actions in Amazon, by claiming, differently from the still existing “intellectual extrativism” imposed to the region, a scientific and technological program really focused on the Amazon. And concludes by proposing an authentic “cultural revolution” which he names “Scientif Cabanagem Operation”.

Keywords: Science and technology-Amazon. Amazonidades. Understanding. Knowledge. Inclusion.

A imaginação é mais importante  
do que o conhecimento  
Assim falava ALBERT EINSTEIN, o Cientista

Tudo que não invento é falso.  
Assim fala MANOEL DE BARROS, o Poeta

## ESSENCIA

I. É para a estruturação de um novo Plano Nacional de Ciência, Tecnologia & Inovação que ora (PNCT&I) se convoca a comunidade científica.

II. O Brasil cardinal invoca a contribuição que a Amazônia periférica, bem dotada, pode lhe oferecer.

III. A Amazônia ancilar avoca, no contrafluxo e ao revés, o empenho nacional do qual se julga credora com vistas à viabilização da sua própria re/invenção.

IV. O presente ensaio provoca a caça à resposta a esta última aposta, nos meandros da memória escrita e oral da Conferência Regional – resposta que, para a Região, é crucial.

V. É o escopo maior do caçar é calçar um Plano que para além da Inovação arrimada na Invenção culmine, ao fim e ao cabo, na Inclusão social da Amazônia (PNCT&III-AM).

VI. Ressalve-se, por determinante: o que aqui se evoca é a boa inclusão. Como ninguém ignora, há inclusões perversas.

## PRIMEIRA PARTE

### 1 COMPREENSOES FUNDAMENTAIS: AS BASES DO ENTENDIMENTO

#### 1.1 COMPREENSÃO DE AMAZÔNIA

Antes de tudo é mister clarear em relação a que Amazônia esta fala irá fluir, e sobre qual Amazônia queremos influir.

##### (a) A Amazônia em si

De começo, é uma inquirição sobre a Amazônia como a entendemos – e logo, como a pretendemos <sup>1</sup>.

As seguintes percepções são pertinentes, influentes:

1) A Amazônia é não só uma região natural, mas essencialmente social, cultural — moral.

2) A Amazônia, enquanto natureza, é irredutível ao falso dilema, dueto e duelo santuário versus almoxarifado.

3) A Amazônia, enquanto sociedade, precisa se desenvolver material e espiritualmente.

4) A Amazônia per se pode e deve se envolver nesse processo – aberta para o Brasil e o mundo, mas infensa a dilapidações.

5) Essa a Amazônia que, enquanto constituinte do todo nacional, rejeita sujeitar-se ao velho jeito hospedeiro-parasita.

6) Essa a Amazônia que, enquanto elemento conformador do planeta, quer construir com ele uma história de futuro enriquecedora: não tanto de tesouros materiais; mas principalmente de mentes e corações.

Essa a Amazônia que quer ser Terra & Civilização plenas, pela via consciente, não da globalização absorvente, mas da universalização harmoniosa.

Assim é, se lhe parece. Sim, parece-nos.

##### (b) A Amazônia in situ

É preciso então compreender a Amazônia nas suas distintas peculiaridades e óbvias utilidades – nas suas amazonidades<sup>2</sup>.

Nesse sentido, é imperioso reforçar alguns pilares do argumento amazônico.

7) A Amazônia é parte determinante da Terra e de seus equilíbrios fundamentais a preservar, com destaque para o climático e o hídrico.

8) A Amazônia é repositório de capitais naturais preciosos, insubstituíveis, notadamente a biodiversidade e a água doce líquida e potável<sup>3</sup>.

9) A Amazônia, em suma, é um dos quatro últimos eldorados do mundo – o único, no entanto, sujeito a soberanias nacionais<sup>4</sup>.

10) A Amazônia é, por tudo isso e temperos adicionais, alvo notório da cobiça internacional<sup>5</sup>.

#### 1.2 COMPREENSÃO DO CONHECIMENTO

Da mesma forma que em relação à Amazônia, cumpre iluminar o conhecimento do próprio conhecimento de que aqui se cuida<sup>6</sup>.

(a) O conhecimento em si

É lugar comum afiançar, de modo categórico, acríptico e com unção sacramental, que se está a argamassar a “Sociedade da Informação” ou “do Conhecimento” e que não há salvação fora dela.

O saber, nessa visão, paira por sobre as múltiplas encarnações humanas assim como o Espírito pairava nos primórdios sobre as águas (Gn 1.2)<sup>7</sup>.

O conceito perpassa, pois, ao largo das atividades pré-históricas, ou talvez da “história natural” do homem, e alcança o ápice na “história da civilização” (ou civilizações) – quiçá neste suposto “fim da história”. Homo erectus, habilis, sapiens, faber, economicus, ludens, utopicus, credulus, religiosus... tanto o homo universalis e o homo brasiliensis como o homo amazonicus.

Ainda assim, resta perquirir:

11) A que espécie de conhecimento nós estamos nos referindo?

Conhecimento como bem supremo.

(ao molde do velho refrão *ars gratia artis*)

Ou conhecimento mediador, medianeiro?

12) Conhecimento per se, e, portanto, inútil, fútil, ou ao inverso conhecimento útil porque resultante de um balaio de necessidades e subordinado a uma penca de finalidades?

Que necessidades?

Que finalidades?

13) Com vistas à invenção de algo novo e, portanto, à inovação, está certo. Mas cabe ainda perguntar:

Qualquer inovação?

Inovação para quaisquer usos?

Ou só a inovação socialmente necessária?

A eticamente plausível?

Entretanto, as exigências humanas primárias, básicas, vitais, continuam a se fazer sentir – e não só as físicas, animais (mesmo reduzindo o ser humano ao patamar de animal superior), senão também as anímicas, as da alma consciente e reflexiva (esse plus que distingue o homem dos demais seres da natureza)<sup>8</sup>. E continua a ser imperioso satisfazê-las.

Inevitável seguir indagando.

14) Pode a divisão social (e a internacional) do trabalho exacerbar-se a ponto de reservar para uns poucos cérebros eleitos a incumbência de dominar: a informação sobre as realidades; a formação das mentalidades; o conhecimento puro e o aplicado por estas àquelas; o desfrute, enfim, da crua crematística<sup>9</sup> aristotélica; e também, de modo algo conflituoso, a tessitura da noosfera teilhardiana?<sup>10</sup>

15) Pode-se, em contraponto e ao mesmo tempo condenar uma imensa multidão de obreiros às tarefas mais rudes e vis, que visam a atender às necessidades biológicas, zoo/antropológicas, dos seres humanos – a condenação à mais rasteira biosfera?

Resumindo: enfrentamos, parece, um certo e novo Admirável Mundo Novo. Ou 1984 revisitado. E por aí vai.

A nós interessa questionar como, em sua consciência, esta discutível compreensão de ciência (co)responde com maior ou menor pertinência (e consistência), se é que corresponde, àquela indiscutível compreensão de Amazônia.

#### (b) O conhecimento in situ

A nós interessa investigar, meridianamente, não de que maneira a Ciência pode servir-se da Amazônia, e sim como pode o conhecimento científico ser produzido na e utilizado pela região.

A escrituração do capítulo amazônico do PNCT&I presta-se, então, a ser conduzida de duas maneiras.

16) Por um lado, possuídos de amor concupiscente, dominador, os escribas e fariseus designados podem abusivamente entender que o que se visa é: inferir quais as melhores iniciativas em CT&I que podem (ou devem) situar-se fisicamente na Amazônia; à conta de condicionantes ecológicos, critérios econômicos, descuido ecumênico.

17) Ou, ao revés, os escrivões responsáveis podem obrar com amor complacente, auscultando a Amazônia profunda percebendo que o importante é deferir iniciativas que podem e devem: voltar-se obsequiosamente para a satisfação das necessidades, interesses e aspirações da Amazônia; levando em conta principalmente fatores ecumênicos, se bem que respeitados os limites ecológicos, e bem empregando os meios econômicos; a assinalar, uma incisiva, decisiva inversão de sinal.

18) A Amazônia, afinal, fazendo-se senhora consciente dos seus próprios destinos, embora inserida no contexto, no cenário, no convívio nacional genérico.

A Amazônia deixando de ser um simples fado natural instintivo, para tornar-se

definitivamente um complicado (porque complexo) fato social, volitivo.

E sublinhemos, por ser verdade, que tudo isso é assaz intuitivo, além de ilustrativo e sinalizador.

#### Suma Amazonista

O cenário de nossa eleição para edificação do PCT&I nacional considera a presença e participação amazônica – não, porém, como simples paisagem de acomodação ou passagem de conveniência. É, para nós, em si mesma, um propósito fundamental que implica em real cooperação região-nação – operação conjunta. Uma via de mão dupla, em que muito há a dar e a receber.

Assim, não basta que a Amazônia se converta em um imenso lugar para reflexão da inteligência nacional e internacional, uma Mega-Universidade a céu aberto, o Paraíso da corte de pensadores, pesquisadores e produtores do saber – se o produto dessa ideal e formidável concentração de massa encefálica, quiçá no orbe a mais elevada por hectare, servir apenas para resolver desafios e atender a necessidades exteriores à região. Uma espécie de imperialismo do conhecimento. O colonialismo do espírito.

Não basta que a Amazônia se torne uma gigantesca usina de idéias hauridas na investigação da sua rica diversidade biológica e, também, geológica, mineralógica, pedológica, edafológica, hidrológica, mesológica, e ademais etnológica, antropológica, psicológica, sociológica, nosológica... e ainda tecnológica, etc. etc., se tudo isso expressar apenas a lógica da intrusão nela de mais um enclave, desta vez em C&T. O retrocesso ao extrativismo, já não o vegetal ou animal. O extrativismo intelectual.

Não basta nem mesmo que a Amazônia se transforme num desmesurada e multifacetada incubadora de políticas públicas de superação de carências e restrições humanas se, por cima do ônus que lhe for exigido, o bônus e usufruto do seu produto forem oferecidos de bandeja e preferencialmente aos lá de fora, os outros, os não-amazônidas. Um fantástico laboratório incrustado no, mas desconectado do entorno amazônico. Uma bomba de sucção da seiva (não só da selva) amazônica — a material e a imaterial.

Não basta que C&T geradas na Amazônia com apoio em amazônidas e amazonidades sejam incorporadas ao catálogo de ferramentas operacionais de gestões públicas e privadas, supostamente a serviço

da humanidade in abstrato, e seguramente guiadas pela “mão invisível” – se a porção amazônica desta mesma humanidade não for contemplada in concreto, sob o comando de mãos bem visíveis impulsionadas por cérebros competentes e de boa índole, e em pé de igualdade com os demais. Uma questão de equidade, mas, sobretudo, de justiça. O seu a seu dono.

O importante não é a produção de uma fatia substancial de C&T nacional estar na Amazônia, mas, sim, o seu produto ser para a Amazônia, destinar-se principalmente ao benefício regional. O indeclinável é que a região se faça presente, não mais como objeto, mas Projeto autônomo dentro do Projeto Nacional.

## SEGUNDA PARTE

### 2 EXPRESSAO AMAZONICA DE CT&I: AS FUNDAÇÕES PARA O ATENDIMENTO

O arrolamento a seguir sintetiza as percepções e proposições manifestadas por ocasião da Conferência Regional de Manaus.

Incorpora, ademais, com prudência, postulações outras, todavia correlatas,

convergentes, compatíveis. A mediação é responsabilidade do Rel/d/ator.

E o enquadramento do texto acomoda-se às quatro angulares adotados pela organização desta 3ª Conferência Nacional.

#### 2.1 GERAÇÃO DE RIQUEZAS

O que se intui como axiomático é que um esforço hábil, sistemático, continuado, deve ser feito a partir das amazonidades em prol de um autêntico desenvolvimento econômico e social sustentável da Amazônia. E transitando necessariamente por P&D das suas potencialidades naturais e sociais.

Algumas diretrizes iniciais, em continuação, sobre o quê e como fazer para atingir esse escopo.

1) O que se objetiva é a oferta nos mercados nacionais e mundiais de novos bens e serviços – produtos regionais, típicos:

- os oriundos do amanho do solo, da apanha do subsolo, da cata da mata, da caça das animálias, das pesca nas águas, da captura na natureza estuante de vida: flora, fauna & fluidos; e, se quiserem, folks, fama, fascinação...;

- mas tudo transformado via tecnologias regionais;

- com valor agregado na e para a região;

- fundamentalmente, pelo encadeamento da:

biodiversidade,

biotecnologia,

bioindústria (fitoindústria, fármacos, cosméticos...).

2) Isto supõe, por trás de<sup>11</sup> uma agenda amazônica verdadeiramente inovadora, um extraordinário esforço de P&D, envolvendo:

- preparação e política de pessoal qualificado;

- cooperação com as comunidades tradicionais;

- assim como entre Universidades, institutos e empresas;

- organizadas em redes e parcerias; e

- financiamento adequado, ou seja: regular, permanente, suficiente.

3) Supõe, também, agora para diante ou à proa da empreitada<sup>12</sup>, a montagem das necessárias habilitações para concorrer a mercados supostamente saturados, criar demandas novas<sup>13</sup>, peculiares porque fazendo valer a 'marca' amazônica.

4) Para tanto, trabalhando em escala, com base em cadeias tecno-produtivas.

5) Supõe, finalmente, que os seus desafios não se esgotam na Amazônia brasileira, mas transcendem-na, e devem ser consideradas na dimensão Pan, ou Continental, ou Grande:

- tanto no campo da produção acadêmica e científica<sup>14</sup>;

- quanto no plano dos empreendimentos econômicos, v. g.;

capital social básico,

infra-estrutura,

investimentos produtivos.

- como também no campo político da estratégia integrada e integradora da Grande Amazônia<sup>15</sup>.

Elementar, por suposto.

## 2.2 INCLUSÃO SOCIAL

O prospecto do crescimento econômico regional comporta ações de incorporação ativa, efetiva, afetiva, das populações locais.

Essa incorporação parte de uma premissa fundamental, complexa, a saber.

6) A Amazônia, para o bem ou para o mal, é agora uma região em si: deixou de ser uma simples extensão do Brasil; corresponde a uma intenção

própria; embora dentro do contexto nacional; não mais questão regional, fechada; questão nacional aberta – mas sob controle.

7) Por outro lado, o que se requer em nome da Amazônia é um esforço de produção de conhecimento social e regionalmente útil, vale dizer: voltado para a promoção individual dos amazônidas; e para o progresso social, o bem comum da Amazônia.

8) O que se requer, na verdade, é uma autêntica Revolução Cultural Amazônica(16), com destaque para o seu braço científico-tecnológico (17), e logo: impõe-se forjar muitas e boas cadeias tecno-produtivas em biodiversidade; acoplando-se na prática cadeias de conhecimento e cadeias de produção.

9) Essa política conecta-se, conseqüentemente: à proa, com produtos finais comerciáveis; e à popa, na qualificação de pessoal e organização empresarial; projetando-se na criação de Novas

Empresas de Biotecnologia (NEBs).

10) Esse panorama ideal é conducente a incorporar um número crescente de produtores ao processo produtivo e ao mercado consumidor, elevando a sua qualificação e auto-estima.

É favorável, em resumo, à real inclusão social dos amazônidas. Alternativa preferível aos tradicionais programas de assistencialismo direto, passivos e a médio e longo prazo, estéreis.

### 2.3 PRESENÇA INTERNACIONAL

Assente-se de pedra e cal: esta não é uma formulação xenófoba.

Ao reivindicar o re/direcionamento das ações nacionais em CT&I na Amazônia para o benefício direto das populações locais, não exige que essas ações se tornem monopólio, privilégio dos amazônidas, ou mesmo dos brasileiros.

Há vasto espaço para cooperação internacional. Mas não pode haver o mínimo espaço para cooptação internacional.

11) Assim, toda cooperação será bem-vinda sempre que: ordenada à formulação de um sistema próprio e original de desenvolvimento regional; confessadamente amazônico na sua origem e no seu destino; bem como na sua concepção e comando ; embora aberto ao diálogo participativo e construtivo.

Valem algumas demarcações do terreno.

12) É necessário que a cooperação internacional em C&T ultrapasse o campo minguado de manutenção ou montagem para alcançar o campo elevado da criação.

13) Isso admite tensões, implica em atenções tais como: estancar a fuga de cérebros; incorporar o conhecimento popular; aprimorar a pesquisa interdisciplinar; fortalecer redes; melhorar a gestão; robustecer lideranças.

14) Nesse sentido, a cooperação no terreno dos investimentos produtivos exige que os institutos e universidades locais sejam participantes do esforço com vistas a: promover a adaptação das tecnologias importadas às condições locais; absorver e dominar o conhecimento incorporado.

Há um vasto campo de cooperação que, bem conduzido, pode contribuir para avanços essenciais, v.g., na descrição e inventário do patrimônio físico, inclusive com base numa cartografia avançada.

A diversidade e espraiamento territorial dos recursos a investigar, em parte dependente de apoio estrangeiro, sublinha uma vez mais a importância instrumental de um completo zoneamento ecológico-econômico.

## 2.4 INTERESSE NACIONAL

Fortalecer a Amazônia é fortalecer o Brasil. Seria uma trivialidade, é um argumento em prol do PNCT&III-AM.

Ressaltam, nesse particular, os seguintes aspectos<sup>18</sup>:

15) Primordialmente, a função regional na implantação de uma civilização moderna da biomassa, assente:

- no uso sustentável dos seus recursos renováveis;

a sua celebrada biodiversidade,

o seu papel macro-regulador de climas e recursos hídricos,

- e na própria dimensão e localização geográfica, estratégica, do território.

16) Concomitantemente, o enfrentamento do problema da pobreza relativa na região, levando-se em conta a sua população predominantemente urbana e já alcançando a casa dos 25 milhões.

17) Complementarmente, o papel da região em qualquer estratégia minimamente consistente de desenvolvimento sustentável (e harmônico) do Brasil como um todo.

18) Finalmente, a co-responsabilidade do Brasil para com os demais países amazônicos.

19) Isso tudo aponta para a necessidade de: crescer mais aceleradamente do que a média nacional; e integrar a região interna e externamente.

20) Isso tudo aponta do mesmo modo para a necessidade de superar a cultura do atraso:

- introduzindo, inclusive em P&D, como que um “modelo fabril” de eficiência e produtividade;

- uma linha de montagem:

que comece com a produção do conhecimento,

chegue à invenção técnica,

capaz de gerar a inovação,

e por seu intermédio a inclusão social.

- a invenção/inovação enquadrada pela precaução do patenteamento que evite a sua extradição ou desapropriação em detrimento do interesse regional.

21) Tudo isso, reitere-se, com o inteligente aproveitamento das amazonidades. E respondendo à demanda crescente, ainda mal explorada, do fascínio do mundo extra-amazônico por elas, tal como começa a acontecer em relação ao Agronegócio Frutícola Mundial: com lugar nobre garantido para as nossas lá fora chamadas frutas tropicais exóticas (exóticas para eles, os caras pálidas); a acerola sendo conhecida na França, quem diria, como a cereja do Pará...

Os exemplos podem multiplicar-se, não só em relação às amazonidades vegetais mas também as animais, quer as curativas como as gustativas, e até as imaginativas, as apelativas e muitas mais.

É curial que a expansão ordenada de tais atividades, somada aos efeitos de aglomeração, das economias de escala, e da multiplicação

intestinal regional dos ganhos em emprego e renda, assume o caráter de elevado interesse nacional.

## ARREIMATE

### 3 OPERAÇÃO CABANAGEM CIENTÍFICA

Uma vez que o PCT&III-AM não pode ser desenhado em si e para si, posto que é instrumento a serviço da região situada, sitiada, a sua arquitetura apóia-se em um arcabouço ideal muito mais abrangente que o dos laboratórios e academias. Oxalá tenha já ficado claro.

Com raiz nos elementos garimpados nos arquivos in fieri da Conferência Regional, é possível delinear um esquema organizador da dinâmica da metamorfose amazônica. Tudo não passa, neste passo, de um prospecto exploratório, mas pode ajudar a quebrar a inércia — o círculo vicioso, o nó górdio, a retranca.

O esboço abaixo está, assim, dividido em três partes, relacionadas, sucessivamente, com os princípios a respeitar, os fins a perseguir e os meios a adotar. Compõem um todo integrado e coerente, e somente em conjunto podem ser entendidas.

Os objetivos finais, e já foi proclamado, não se cingem ao erguimento de uma torre de marfim do conhecimento ascético — o saber, o saber-fazer... Manifestam-se antes na

freqüência à praça maior, ou central, da irrequieta cidade do homo amazonicus. Ali onde se pratica e cultua o re/conhecimento profético (o que fazer, o afazer nosso de cada dia...) da coletividade.

É, quem sabe, o óbvio ululante. Ainda assim, parece conveniente explicitá-lo visto que a idéia de simplesmente pendurar no Plano Nacional um pingente regional é refugada pela intelligentsia amazônica, aliás cheia de razão — e razões. Nem é mais digno de consideração supor que a Amazônia possa ainda se servir em, servilmente, continuar servindo a interesses auto-centrados do centrão 'dinâmico' do país. O ocaso da subserviência.

O presente pré/texto é, ao fim e ao cabo, conquanto modesto, o Manifesto de uma autêntica revolução cultural. E que, por ser nativa, tapuia, amazônica, merece o nome honroso de Operação Cabanagem<sup>19</sup>.

No caso, a Operação Cabanagem Científica.

## 4 UM PROSPECTO PARA A REVOLUÇÃO CULTURAL AMAZÔNICA

### 4.1 DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

#### 4.1.1 A necessidade nacional da Amazônia:

- aquilo que só a região pode oferecer ao desenvolvimento nacional;

espaço de acolhida para excedentes de população,

uma fronteira econômica elástica e mutável,

a presença e imagem no mundo.

#### 4.1.2 A Amazônia como potencialidade nacional:

- tópicos em que o país pode se arrimar para construir o utópico;

recursos naturais singulares: as amazonidades,

mercados, geração de divisas,

poder de barganha.

#### 4.1.3 A responsabilidade nacional para com a Amazônia:

- a atenção requerida para a pertença, a manutenção e a defesa da região;

o resguardo vivo das fronteiras,

a preservação da integridade física nacional,

e da sua inteireza moral — posse e uso do patrimônio.

### 4.2 ACLAMAÇÃO DOS FINS

#### 4.2.1 A cautela ecológica:

- os cuidados com a ambiência natural;

o oxímoro da sustentação socialmente útil,

o ensaio de uma civilização tropical de massa,

baseada, não por acaso, na biomassa.

#### 4.2.2 A capacidade econômica:

- o empenho em fortalecer, ampliar e diversificar a base produtiva;

com diversificação endógena,

promovendo aglomeração, multiplicação e escala,

recorrendo à integração horizontal e vertical.

#### 4.2.3 A responsabilidade ecumênica:

- o compromisso com a valorização humana e social;

À guisa de exemplo, no campo da Educação: regionalização do livro escolar; da merenda escolar; dos currículos...

#### 4.3 PROCLAMAÇÃO DOS MEIOS

##### 4.3.1 Reorientação do crescimento econômico:

- a entronização real e simbólica da marca amazônica;

uma nova SUDAM, uma nova SUFRAMA,

um novo BASA, um novo FNO,

o esverdear do BNDES...

- E ainda;

Plataformas de Exportação,

NEBs,

Núcleos de Propriedade Industrial...

- Com apoio em;

Fundo Pan-Amazônico de Ciência e Tecnologia,

Rede de Incubadoras de Empresas Amazônicas,

Programa UNAMAZ de P-G.

- E utilizando;

mecanismos de atração,

mecanismos de compensação,

mecanismos de internalização.

##### 4.3.2 Geração e introdução de novas tecnologias:

- as tecnologias apropriadas ou adaptadas à região;

o aproveitamento da “segunda natureza”,

Laboratórios de Apropriação do Conhecimento Milenar,

Redes de cooperação.

##### 4.3.3 Integração interna e externa:

- as articulações intra e inter-amazônicas continentais.

Mediante a adoção de pensamento extensivo e transversal:

completude do Zoneamento Ecológico-Econômico, à base de zonas produtivas, zonas críticas e zonas especiais;

implementação da malha intermodal do IIRSA;

extensão do sistema SIVAM-SIPAM.

FINIS QUID – Este não é, não podia ser um plano de desenvolvimento regional. É o arcabouço, ou se preferirem os andaimes para construção futura de um. Incorpora e sistematiza sugestões espargidas durante a Conferência Regional, à luz de idéias garimpadas em documentos oficiais de um pretérito recente, falsamente promissor, e por isso rapidamente caídas no olvido. Não esgota o assunto. Sugere uma estruturação orientadora. Pede a agregação de novos elementos. Submete-se à cirurgia reparadora de elementos caducos.

ADM

O selo da poesis amazônica  
Poesis = criação – v. Houiass

a humanidade não tem sido outra coisa senão  
um homem submetido aos reflexos do ambiente dentro  
do tempo

MURILO MENDES, Poesia Completa e Prosa,  
“O Discípulo de Emaús”, 11

Ávida só é possível  
Reinventada.

(...) Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

(...) Porque a vida, a vida,  
a vida só é possível reinventada.  
CECÍLIA MEIRELES, Poesia Completa

“Reinvenção”

Se mesmo o positivo é sonho e controvérsia  
Nem porvir, nem ninguém, causa alguma desliga  
A Ciência que sonha e o verso que investiga.

JORGE DE LIMA, Poesia Completa,  
Alexandrinos

“Ó primeiro dos Quatorze”

E se buscando vás mercadoria  
Que produz o aurífero Levante,  
Canela, cravo, ardente especiaria,  
Ou droga salutífera e prestante;  
Ou se queres luzente predaria,  
O rubi fino, o rígido diamante,  
Daqui levarás tudo tão sobejo  
Com que faças fim a teu desejo  
CAMÕES, Os Lusíadas, Canto Segundo, 4

Este es en suma el nuevo descubrimiento  
de este gran río, que encerrando en si  
grandiosos tesoros, a nadie excluye;  
mas antes a todo género de gente convida liberal  
a que se aproveche de ellos.  
Pe. CRISTÓBAL DE ACUÑA,

Nuevo Descubrimiento del Gran Río de las Amazonas

Ce qui importe, c'est que l'esprit de l'utopie demeure,  
que la imagination triomphe, car elle est et restera le  
moteur de tout processus d'invention.  
FEDERICO MAYOR, Diretor Geral da Unesco  
In “Vouloir l'Impossible” – Apresentação

## NOTAS

1 A argumentação remete, preliminarmente, à própria compreensão de 'compreensão'. A perfilhada na presente disquisição articula, numa mesma visão, as idéias concorrentes, mas confluentes, de abrangência e inteligência – o quanto e o quê se procura expressar.

2 O neologismo amazonidade eu próprio o cunhei, por similitude com latinidade, brasilidade, mineiridade... Engloba tudo aquilo que é específico da Amazônia, o natural e o social. E dá fundamento sólido à criação de uma "marca" amazônica indispensável à presença da região nos fóruns e mercados nacionais e internacionais.

3 Podia-se, para enriquecimento do texto, fazer menção às funções que historicamente têm sido atribuídas à Amazônia, inclusive a de espaço livre para geral e generosa acolhida de excedentes de populações d'aquém e d'além mar, repositório de minerais, ou de produtos florestais, fronteira agrícola e econômica, parque universal de diversões e lazer... Ou ainda aludir aos seus contraditórios apodos: A Selva, La Voragine, Inferno Verde, Paraíso Perdido, Celeiro do Mundo, Deserto Vermelho... Seus mitos: Fonte da Juventude, El-Dorado, El-Paititi, la Sierra de Plata, la Ciudad de los Cesares... Eventualmente, algumas dessas percepções serão recuperadas no Arremate do presente.

4 O conceito é devido à Prof<sup>a</sup> Bertha Becker. Os outros eldorados são a Antártida, o fundo dos mares e o espaço exterior.

5 Ao estilo do Prof. Arthur Reis, mas a cobiça por ele denunciada era a histórica, old fashion, mediante conquista e ocupação. Cobiça que se expressa, agora, menos pela via direta manu militari ou pela apropriação da soberania e da posse, do que pela via diplomática da regulação 'social' mundial e o variado arsenal potencial de apropriação espúria dos usos das amazonidades e seus simulacros e similares dispersos pelo mundo.

6 "Conhecimento é poder", desde Francis Bacon. E o mundo deixou, supostamente, de ser dividido por ideologias, é-o agora por tecnologias (apud Ignatzi Sachs et alii).

7 E, no entanto: Homo humus, fama fumos, finis cinis – "Homem é barro, glória é fumo, o fim é cinza". Vale para o homem em geral e sua ciência, sua técnica, suas obras. Mas enquanto não se reduz tudo a cinzas é preciso bem conhecer e administrar a Casa do Homem. O Oikos, latinizado para Eco: Ecologia (o conhecimento), Economia (a gestão), Ecomenia (a convivência). Ecomenia sendo outro neologismo oportunista, de minha lavra, que remete a ecúmeno. Hábitat, habitante, hábitos. Uma trilogia que reverbera por todo este repositório.

8 Chesterton lembrava simplesmente que nunca foram encontradas estátuas de formigas célebres (partituras musicais, pinacotecas...) em quaisquer formigueiros ou de outros animais em ninhos, tocas e similares em outros sítios naturais. Touché.

9 Crematística (do grego khrema = riqueza) sendo, de acordo com Aristóteles, a ciência da geração desta como fim em si mesmo. A economia, em contraste, para o Estagirita, tinha a ver com todos os aspectos da gestão do ambiente, da Casa em que se move o homem. Agasalhava-se nos domínios da política, regida pela ética. (N.B. ATENÇÃO - Crematista, radicado no latim crema = fogo, é o indivíduo partidário da incineração, ou cremação, de cadáveres. Escapa, acredito, não obstante a enganadora semelhança formal dos termos, ao domínio destes apontamentos).

10 Noosfera - Camada reflexa (humana) da terra, sobreposta à biosfera, realidade atual e potencialidade a realizar livremente. Conceito devido a Pierre Teilhard de Chardin, o eminente cientista teólogo.

11 Regionalmente: "à popa de".

12 A empreitada representada, no seu conjunto, por uma igarité amazônica – daí a metáfora da proa e da popa.

13 Ressuscitando, quem sabe, e já o disse inúmeras vezes, a desacreditada Lei de Say, segundo a qual a oferta cria a própria procura, o que é válido para situações atípicas, como

a Amazônia com seus saberes e sabores, cores, odores, pendores, amores próprios, inconfundíveis. 'Exóticos', dizem os do hemisfério norte. Sucessos emblemáticos: o do açaí, o do cupuaçu e tantos outros que caíram na boca do povo.

14 Assume papel relevante a Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ), a ser re/formatada como uma "Universidade de Universidades Amazônicas", com agenda própria de interesse mega-regional. A UNAMAZ, na verdade, além de Universidades, congrega também instituições de pesquisa, umas e outras não necessariamente localizadas geograficamente na Grande Amazônia, mas trabalhando os seus temas.

15 E aqui o órgão chave será a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), agora com sede permanente em Brasília.

16 Nada a ver com Mao-Tse-Tung, claro está.

17 Foram recorrentemente referidas quatro grandes revoluções tecnológicas brasileiras: a da Petrobrás/1953, a da Embraer/1969, a da Embrapa/1973 e a do Pro-álcool/1975. A Embrapa, na verdade aproveitava e consolidava uma já longa tradição dos Institutos Agrônômicos. E o Pro-álcool resultou do trabalho da própria Embrapa. A nova revolução, aqui chamada à cena, se distinguiria das anteriores, primeiro, por escapar aos limites do puro conhecimento, ao abraçar um compromisso de envolvimento com a transformação global da sociedade. E depois, por ser a primeira revolução não setorial, mas

transversal, multidisciplinar, assente num extenso território bem demarcado pelas amazonidades. E o amazônida é a mais importante delas.

18 Recomenda-se a re/leitura da Política Nacional Integrada para a Amazônia Legal/1995 (PONIAL) e da Agenda Amazônia 21 – Bases para discussão/1997, e inúmeros documentos subseqüentes, mais ou menos filiados a essa célula-tronco. Uns e outros inumados, sem choro nem vela nem fita amarela, em sítio de destaque no portentoso Cemitério Nacional de Surtos de Boas Intenções Pró-Amazônia.

19 Nota de iniciação para os não-amazônidas, com todo respeito - A Cabanagem foi um movimento nativista, em termos relativos seguramente o maior do período imperial, que varreu a Província do Grão-Pará (ainda englobando a futura Província do Amazonas), entre os anos de 1835 e 1840. Insurgia-se basicamente contra o predomínio econômico e social dos portugueses mais de uma década depois da independência (a rigor, a independência do Estado do Brasil; o Estado do Grão-Pará a ela 'aderiu' quase um ano depois, a 15.08.1823, mas isso é outra história, não desviemos o foco). Os cabanos chegaram a ocupar a capital da Província, Belém, de onde foram expulsos em 1836 por uma esquadra imperial, mas continuaram desenvolvendo a sua ação para oeste, alcançando as proximidades de Manaus. De uma população total estimada à época em 100.000 parauaras, calcula-se que cerca de 30.000 tenham perecido. Dizer-se cabano segue sendo título de sã altivez (Aurélio, 1; Houaiss, 3).